



O Gaiato

25 DE DEZEMBRO DE 1971
ANO XXVIII — N.º 725 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

NATAL

...e a tiragem d'«O Gaiato» coincidem este ano. É extraordinariamente oportuno o nosso desejar Boas-Festas nesta hora específica de comunhão, que nos encontra todos em torno d'Aquele que veio fazer dos homens dispersos, Irmãos; que veio para selar com sangue (não o de animais imolados, mas o Seu) o pacto de transformação da Sociedade Humana em Família.

Nos dias do Advento lemos a Profecia, de alguns Outros também, mas quase sempre de Isaías. Ela é o anúncio da Consolação que aí vem, o desfazer de terrores milenários, a revelação de um Deus próximo de nós, tão próximo que o Seu Nome é Emanuel, o Deus-connosco. Então, será o tempo da harmonia cósmica: «O lobo habitará com o cordeiro; o leopardo deitar-se-á ao lado do cabrito; o novilho e o leão comerão juntos e um menino os conduzirá; a vaca pastará com a urso e as crias repousarão juntas... Não haverá dano nem destruição em todo o Meu santo monte, porque a terra estará cheia da ciência do Senhor, como o fundo do mar das águas que o cobrem».

Este tempo já começou. O que se não constata é a consumação da profecia. Que é da alegria de viver? Que é das lágrimas não mais derramadas? Que é da serenidade e da paz? Que é dos cânticos de confiança e de vitória, sempre nos lábios? Que é da fome e sede saciadas? Que é da esterilidade vencida?

É chocante o contraste entre o anúncio profético e as realidades que o nosso mundo patenteia.

Então, quê?! — a Palavra de Deus perdeu a força? A Força de Deus, não; a eficácia da Força, sim, porque não foi recebida. A Palavra é vida. A Vida postula circulação. E a circulação tem dois tempos: dar e receber. Deus não falta no dar. Faltam os homens no receber. Falta a maioria dos homens. Que os deles, sábios (humildes e fiéis) realizaram a Paz, a experiência da alegria prometida, na vitória irreversível da Felicidade essencial sobre as dores accidentais. Job será um tipo acabado deste grupo de homens, deste «pequeno resto» de uma Humanidade fatora da sua desgraça, fruto da sua ciência orgulhosa, da sua auto-suficiência mortífera.

«Paz aos homens de boa vontade...» Estes são os que A recebem. Dos que A declinam — às portas desses mandou Jesus aos Seus discípulos que sacudissem a poeira das sandálias... e partissem.

O Profeta que anunciou a Verdade, consumada por alguns, previu o insucesso da Palavra e explicou-o: «Eis o que diz o Senhor, o teu Redentor, o Santo de Israel: — Eu sou o Senhor, teu Deus, que te ensino o que é para teu bem e te conduzo pelo caminho que deves seguir.

Oh! se tivesses atendido às minhas ordens, o teu bem-estar seria como um rio, a tua prosperidade como as ondas do mar! A tua raça seria como a areia e, como os seus grãos, os teus descendentes! Nunca o teu nome seria tirado nem riscado da Minha presença.»

x x x

Natal de 1971. A grande Família da Obra da Rua reu-

Cont. na TERCEIRA página



RECREIO DOS AZULEJOS — OS «BATATAS», COM JOÃOZINHO DE MOÇAMBIQUE A FRENTE, PREPARAM-SE NOS TRICICLOS PARA A CORRIDA DA VIDA.

Tribuna de Coimbra

Neste Natal quero 3 prendas do Menino Jesus.

A primeira é que me dê paciência para ser pai de família numerosa e cheia de dificuldades. Custa tanto aceitar cada um tal como é! Com defeitos, com qualidades, com taras, com falhas de muita ordem, fazer chi-chi na cama, andar com có-có na roupa, trazer sempre o ranho no nariz, com tudo o que nasce com cada um. É tão difícil ser-se educador duma juventude tão irrequieta, tão emotiva, tão assediada por forças exteriores! Sentimo-nos, por vezes, tão sós e tantos que dizem querer amar! Que o Senhor me dê paciência.

A segunda prenda é que nos dê uma mãe de família capaz de o ser. Continuamos sem mãe. Temos uma repartida por duas grandes famílias! Consome-se, sem ver todo o resultado. Que o Menino Jesus peça a Sua Mãe que reparta a Sua

maternidade por tantas mulheres com entranhas para serem mães por amor, mas preferem uma vida egoísta. Uma mãe, mesmo que tenha de receber o justo salário.

Queremos pedir em último lugar que nos ajude a pagar as nossas contas. Não dizemos aqui o montante dos três molhos de facturas a pagar, mas são molhos volumosos.

Metemo-nos a remodelar algumas das instalações da nossa casa-mãe e temo-nos consumido. O velho fogão a lenha já a resfolgar por todos os cantinhos, foi substituído por um grande fogão a gás. O termo-acumulador, que já há muito não aquecia água, deu lugar a um novo e no sábado passado todos puderam tomar banho em água quente e os da obra consolaram-se de lavar a louça. Os primitivos lava-louças revestidos de mármore, agora escavacados e remendados a cimento, foram demolidos e no seu lugar foram colocados três grandes tiras com escurredouros em aço inoxidável. As canalizações tiveram de ser todas substituídas, pois o ferro da nossa água tinha-as comido. As mesas e bancos da sala de jantar, feitos de madeira de pinho, foram atacados pelo bicho e pelo uso; já temos tubo e uma máquina para fazer mesas e cadeiras. E temos de continuar a adaptar e actualizar uma Casa que foi feita para cinquenta e que tem de receber agora cento e vinte.

As prendas de Natal aqui pedidas ao Menino Jesus são também pedidas aos Amigos. Umas dependem mais d'Ele; outras dependem mais de vós.

Padre Horácio

Aqui Lisboa

É a última vez que escrevemos para «O Gaiato» no ano corrente. Entretanto, 1972 aponta já no horizonte do tempo. Infelizmente para a Humanidade os preságios não são nada animadores. As borrascas bélicas ameaçam transformar-se em trágicas hecatombes. Apesar dos progressos da té-

cnica, culminadas nas viagens extraterrestres, continua a haver sofrimento em toda a face da terra pela não audição da mensagem dos Anjos, naquela noite luminosa do nascimento do Menino-Deus. Pode-se não acreditar no Salvador mas não se duvida da beleza da Sua Mensagem e da eficácia dos

caminhos que ela comporta. Assim quisessem os homens e tudo seria diferente.

Cada um de nós, com mais razão se é cristão, não pode esquecer que há homens que morrem de fome; que há outros que não têm onde dormir ou vivem em tugúrios ou baracas infectos; que muitos irmãos nossos não têm emprego ou auferem miseráveis proventos; que existem ainda nos dias de hoje muitos tipos de escravatura; que há semelhantes nossos sem assistência sanitária; que a ignorância e o analfabetismo ainda são o comum entre o género humano; que há

Cont. na TERCEIRA página

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

Regresso — Esperamos, com ansiedade, de um momento para o outro, a chegada do nosso bom amigo sr. Padre Carlos. Com a sua alegria natural, e constante, dá vida à nossa Casa.

Lavoura — A aguardente está quase pronta. Mas tem dado muito trabalho aos responsáveis do sector agrícola.

O bagaço serve, depois, como alimento das nossas galinhas.

Tipografia — Para desocupar a sala onde ficará instalada a nossa «Monotype-super» — que servia de armazém de papel — o sr. Padre Abraão lembrou-se, e muito bem, de transferir o papel para a cave do edifício das escolas, ao lado do celeiro. Fica muito bem instalado. E, agora, já é possível começar as obras na Tipografia, para, depois, se proceder à montagem da referida unidade.

Fugitivos — Tem sido um calvário, ultimamente! Ausentaram-se dois irmãos: o «Amares» e o «Periquito». Aquele, era o cozinheiro-

-mor; este, o padeiro. Foram levados um pelo outro... Também deixou a nossa Família o Custódio, serralheiro; o «Avintes», um dos nossos maiores «revolucionários», agora aprendiz de carpinteiro; e o Mário, que deixara a Sapataria e iniciava os primeiros passos na secção de impressão da nossa Tipografia.

Natal — Esta edição sai, pela data, no próprio dia em que se festeja o nascimento do Menino-Deus. É uma data alegre e festiva; e celebra um dos principais capítulos da História Universal.

Cá em Casa vive-se em cheio esta Data. Em especial os «batatinhas» que, logo pela manhã do grande Dia, fazem o sacrifício alegre de acordar mais cedo — para gozar as prendas depositadas ao fundo da cama de cada um.

Magusto — Decorreu, com grande entusiasmo, o nosso magusto. Costuma ser no dia de S. Martinho; mas, este ano, por conveniência, foi transferido para o dia da Imaculada Conceição. Toda a Comunidade apanhou uma grande barrigada de castanhas. E houve, também, um copito de vinho novo, da nossa quinta.

Luís Nunes Marques



Mais um casamento: o Henrique Manuel Ribeiro (que foi do Lar do Porto) com a Maria Rosália.

Notícias da Conferência do Lar do Porto

Há bastante tempo que não vos damos notícias! Podereis pensar que não existimos; mas não é verdade. Continuamos a trabalhar para tornar mais risonho o futuro dos nossos Pobres.

O ano lectivo começou há dois meses e pico e de novo nos voltámos a reunir quinzenalmente, naquela tradicional sala das reuniões. Este ano somos menos; apenas três. Estamos dispostos a lutar; a lutar pelos nossos irmãos,

dando-lhes conforto espiritual e material.

Hoje em dia fala-se muito em crises — crise política, crise social, crise religiosa, crise económica, etc. A nós interessa-nos uma, a chamada **crise dos subscritores**. Mas em que consiste?... Como é possível tantos os habitantes do Porto e tão poucos aqueles que generosamente nos dão a sua coleta mensal?! Tomemos consciência desta realidade e tornemo-nos subscritores da Conferência do Lar do Porto. A nossa Conferência deve ter só à volta de 20 subscritores!...

Em suma: interessemo-nos mais e mais pelos nossos irmãos!

Adriano S. Fernandes

CALVÁRIO

Já passaram uns bons anos, desde que aqui viemos pela primeira vez. Estavam, ainda, praticamente nos alicerces as principais construções. Outras só projectadas. E mais outras se seguiram. Até que viemos definitivamente para junto dos que, então, cá estavam.

Muitos chamou-os já o Senhor. E muitos outros vieram depois.

Entre tanta coisa passada — e, sobretudo, tanto esforço dispendido para tornar mais acessível e útil o que era mato e pinheiros — uma coisa permanece na mesma...!! E não por nossa culpa...

Ao chegar a Paredes contornamos a estrada, que dá ligação para diversas terras; piso razoável. O péssimo, o vergonhoso, começa junto à Igreja de Bitarães. Ali, em cujo cruzamento há uma placa que sinaliza a estrada para Beire, que serve a nossa Casa do Gaiato e o Calvário. Autêntica picada africana!!

Pois bem. Já muitos dos leitores por cá passaram — e sabem muito bem a verdade. Claro, viajando em automóveis mais ou menos confortáveis. Mas nós trilhamos — tantas vezes! — a picada no tractor...

Temos verificado e sentido, devido às chuvas (não é preciso chover demasiado...) a deplorável condição em que fica a estrada que nos serve... Ao longo da faixa de rodagem, pedregulhos visíveis! Em sítios de maior escoamento de águas, a lama toma conta de tudo, especialmente dos que se atrevem a andar por ela nessas alturas! E são tantos!! Assim o Inverno... No Verão, temos «festival de poeira»! Mas que «festival»...

Não há dúvida, parece que somos vítimas de negligência; que prejudica não só o progresso como o bem estar dos povos que necessitam — todos os dias — de utilizar esta via.

Quem pode contestar?! A verdade confirma-se no próprio local. À roda do ano, são centenas e centenas os visitantes ao nosso Calvário... Beire é terra com muitas transacções de gado... Mais; toda esta zona muito populosa... A densidade de tráfego, crescente... E mais razões de valia — de interesse nacional — que exigem um benefício indispensável e justíssimo:

a reparação imediata da rodovia. São quase vinte anos de espera...!!

O mais grave, porém, é que já se deram vários passos para se modificar o estado desta vergonhosa estrada... Porém, tudo continua como dantes — «quartel geral em Abrantes»...!

Nesta quadra natalícia, para além de desejarmos Boas Festas a todos os nossos leitores, precisamos de que justiça nos seja feita — a resolução deste problema, de interesse regional e nacional. Se no Calvário se sofre — e de que forma! — sofremos, igualmente, todos quantos nos servimos da sua péssima estrada. Quem nos ouve? Mesmo no Terreiro do Paço; já que, por cá, tem havido orelhas moucas — e braços inertes!

Manuel Simões

BENGUELA

Um pedido — Oito horas da noite. Toda a Comunidade a jantar. Toma a palavra o já conhecido Raúl: — Senhor Padre, eu preciso de tirar uma fotografia junto da casa nova.

— Pois sim, filho, mas não temos máquina — responde o sr. Padre.

— Isso não é problema — digo eu — o Raúl pode-se encarregar de estever para «O Gaiato», a pedir uma.

— Não tenho jeito para escrever para jornais! — diz ele muito depressa.

Então, o Henrique, que estava atento à conversa, acrescenta:

— Os tipógrafos é que têm jeito, porque estão sempre com textos na mão. Portanto, Zé Luís, tu podes escrever.

Sem desistir, respondi:

— Já escrevi várias vezes; agora escrevam vocês!

Mas ninguém se ofereceu! Porém, logo que acabámos de jantar, pus-me a escrever...

Por isso, amigos leitores, se tiverem uma máquina fotográfica, que não vos faça falta, ou se um ou outro que tenha uma tabacaria com máquinas à venda, agradeço — em nome da Comunidade — o favor da vossa oferta; porque o Raúl quer tirar uma fotografia junto da casa nova — como foi dito — em que ele também trabalhou, e não tem máquina! Esperamos pela vossa amizade e oportunidade.

José Luis Pinheiro

MIRANDA DO CORVO

Apresentação — É pela primeira vez que escrevo para o nosso Jornal. Chamo-me Manuel António, mas cá em Casa sou o «Pretito». O meu pai era preto de Angola e minha mãe é branca de cá. Sou de Coimbra. Vós, com certeza, já me conheceis das Festas, não é verdade? Pois bem; eu sou vendedor do nosso jornal «O Gaiato», o «Famoso», e desloco-me a Coimbra

e depois às Beiras e no verão às praias.

Fui eu que tratei dos nossos mais pequeninos, durante dois anos e agora ainda durmo com eles.

Em primeiro lugar, quero contar-vos um caso, que se deu comigo, a respeito do nosso Joãozinho, o «Pretinho». Este, veio para nossa Casa numa noite, e no dia seguinte, ainda eu estava na cama, um dos Rapazes que tinha vindo com ele de Castelo Branco, veio ter comigo, talvez por eu ser mulato, e disse-me:

— Veio esta noite um pretinho muito pequenino; levanta-te, se queres ir vê-lo.

Assim que ele me disse isto, levantei-me e vesti-me, com toda a pressa, para o ir ver. Quando lá cheguei fiquei encantado com aquela surpresa.

Passado um ano, aproximadamente, quando o Senhor Padre Horácio chegou de Coimbra, eu passei para o pé dele e nesse instante, estava lá o Joãozinho; e o Senhor Padre Horácio, vai assim para ele:

— Então, o teu mano passa por nós e não diz boa tarde, nem bom dia!?

Daí em diante o Joãozinho passou a chamar-me «mano», nome que eu muito gostava, e para que o mantivesse, tinha que o tratar bem: quase todos os dias, roupa lavada, dar-lhe o comer, brincar com ele durante o recreio. Tive esta obrigação dos 12 aos 14 anos. Foram dois anos muito duros para mim, mas gostei muito.

Fez em Agosto um ano que estou na oficina de Carpintaria. Já sei fazer alguma coisa; mas não é o suficiente. Eu já estou a ver o meu futuro ao longe e parece-me que a carreira não vai direita; por isso, tenho andado a pensar em ir estudar, que talvez seria o meu futuro. Já não tenho muita capacidade para isso; mas, com o meu esforço e com a ajuda de Deus, pode ser que o consiga.

Manuel António

Notícias da Conferência de PAÇO de SOUSA

O que recebemos — Os nossos apelos nunca são lançados em saco roto! Os leitores do «Famoso» têm olhos e ouvidos bem apurados! Demos graças a Deus.

Ainda que sucintamente — que o espaço, desta vez, é bem esmagadinho — vamos dar nota das ofertas recebidas para a consoada dos nossos Pobres.

Temos, a abrir, 250\$00 de Aida, na cidade de S. Paulo — Brasil, pela mão de velho amigo do Porto.

Reparem nesta legenda formosa: «Para Conferência de Paço de Sousa e com a amizade de sempre, na fraternidade que une os irmãos, envia 300\$00 uma assinante do Seixal».

Ó legenda!

Por intermédio da Casa de Jesus Misericordioso, de Ordins, agasalhos oferecidos por gente Lusa,

Continua na TERCEIRA pág.

Menina Macua

Pararam os astros.
Medrou o leão.
E até uma palmeira
Que o vento fazia
Bailar no sertão
Pela vez primeira
Descansou no chão.

Ia a noite em meio
Nos paços da Vala...

E apenas dormia
— Dormia a palhota
No silêncio morno
Da escura sanzala...

Gemido se ouvia.
Visinha correu...
Gemido parava.
Gemido tornava.
«Seu nêga» paria...
— Menina nasceu.

(Talvez — quem dirá?!
— tenha o mesmo fado:
...isto é, viverá...)

Todos querem ver.

Menina Macua
Mamava no seio
Que pendia ao lado;
E à hora terceira
Repousou na esteira
Sob um pano usado...

Natal de 1971 Santos Silva



Quando ordenávamos, para dar notícia, a série de novos leitores — chegados até nós durante um mês, pelo seu pé ou pela mão amiga de amigos interessados — salta-nos pelos olhos dentro esta carta de Porto Salvo:

«Amigos

Cá estou novamente convosco. Só peço a Deus que a chama não apague e eu não faça como vulgarmente acontece — muita chama e pouca brasa.

Já tenho algumas assinaturas. Podem mandar já o próximo Jornal, pois eu mesmo faço a cobrança e envio a massa. São assinaturas anuais.

Vamos a elas: (e dá nota de três)...»

Simplicidade e verdade — duas tónicas constantes. Assim respira Porto Salvo e todos quantos nos batem à porta.

Não podemos parar, não, bom amigo! Entretanto, peçamos a Deus, sim, «que a chama não apague». Eis a prece de sempre. E o fruto germinará como, quando e se Ele quiser. Demos as mãos...

● A METRÓPOLE DE LÉS A LÉS

A cidade do Porto adormeceu um nadita! Mas não de todo. Lisboa, pelo contrário, mantém um fogo abrasador — com presenças em cheio. Registámos novos leitores — dos quatro quadrantes da grande

CAMPANHA DE ASSINATURAS

Novos assinantes do «Famoso»

urbe — ávidos pela recepção do pequenino revolucionário.

De resto, pelo País fora, desfila uma procissão de categoria. Abre uma freguesia dos lados de Santo Tirso, com o pároco à cabeça:

«Soube da publicação do seu Jornal «O Gaiato» e vinha, por este modo simples, rogar a fineza de introduzir no seu ficheiro o nome desta Paróquia...»

Já temos, por lá, alguns leitores. Agora, esperamos mais. A Paróquia está interessada desde o vértice...

Passa Mem Martins. E Lagares da Beira. Mais uma tripeira com novos leitores de Lisboa e Ponte de Lima. E outro de Cête — nosso visinho! Mais Coimbra, muito discreta. E Santarém. Um ror de vezes, Setúbal! Anda um grupinho muito activo e empreendedor, entre os sadinos, cujos resultados são de uma eficácia a toda a prova! Pois vivam os setubalenses! O certo é que a chama setubalense irradia por aí fora; até ao Barreiro e Portimão! Segue Feijó, Parede, Almada, Venda Nova «com votos sinceros de um Natal melhor». Retribuímos, do coração. Topamos, agora, Braga, Senhora

da Hora e, mais adiante, Mangualde, Reboleira (Amadora), Rio Maior, Santiago (Penafiel), S. Pedro da Cova (Gondomar), Grândola, e Guarda que nos diz:

«...Junto envio 100\$ para a Casa do Gaiato e peço o favor de me considerar assinante do vosso Jornal «O Gaiato»...»

Mais uma inscrição directa! Há outras para trás. Estão a aumentar, sim senhor. Quando é o próprio a dizer que sim, a comprometer-se, rejubilamos mais e mais.

● ESTRANGEIRO E ULTRAMAR

De Londres, recebemos boas notícias duma comunidade religiosa. Ei-las:

«...Agradeçia, por favor, que enviásseis o vosso Jornal «O

Gaiato» a... e de me informardes quanto é a assinatura anual, para depois efectuar o pagamento e para informar mais alguns portugueses que, porventura, quizerem. Se para a mesma senhora em vez de um exemplar quizerdes enviar dois (que é a mesma despesa de correio) sabe que um exemplar será posto na sala de leitura da Capelanía Portuguesa, para a leitura de alguns portugueses que ali se encontram, depois da Missa dominical...»

Muito bem! Já seguiram dois. Porém, se for preciso, seguem mais. Quanto à retribuição, façam o favor de mandar o que entenderem, como entenderem. Importa que sejam leitores. O resto, virá por acréscimo.

Mais presenças da África do Sul — Vereeniging. Idem, do Rio de Janeiro.

Finalmente, por nossas terras africanas, registamos um grupo muito entusiasta, de Moçambique. Gente da Beira e de Lourenço Marques. A capital vai, mesmo, engalanada — com uma lista recheada, pela mão de Esperança, que nos diz:

«...Conforme promessa que fiz a mim própria, colhi de pessoas amigas e também admiradoras da Obra, as seguintes assinaturas, para o mais sublime, justo, verdadeiro e humano dos jornais... (seguem oito nomes e endereços).

O meu marido já é assinante de longa data...»

Depositamos, nas mãos do Senhor, o testemunho d'alma desta Esperança lourençomarquina.

Júlio Mendes

Notícias da Conferência de PAÇO de SOUSA

Cont. da SEGUNDA página

em Inglaterra. Atenção a Portalegre:

«É com muita satisfação e alegria cristã que a Conferência Vicentina do nosso Colégio vos envia, em vale do correio, a quantia de 545\$. Este dinheiro é fruto de um peditório efectuado a quando da Festa dos Pais dos alunos desta Casa.

Os nossos fundos também são pequenos, mas sabemos como repartidos eles «aumentam» extraordinariamente...»

Enquanto todo o mundo, por fraqueza, faz caixinha da generosidade de tudo, o comportamento destes Jovens vicentinos é uma

grande lição para todos os reco-veiros dos Pobres — novos e velhos. Ninguém ponha em xeque a generosidade dos Jovens!...

Aqui vai, de todos nós, um forte abraço para todos vós. E que Deus vos ajude.

Mais 40\$00 de uma senhora amiga, do sul, que passou, entre nós, alguns dias. Mais 90\$00 de Tomar. E outro vale postal de En-ventos. E mais uma presença — muito amiga — de um licenciado em Económicas e Financeiras — do Porto. Ainda mais 100\$00, também do Porto, Largo do Priorado. E, finalmente, 25\$00 do assinante 33058, de Braga, «para a Festa de Natal».

Para todos, todos, um muito obrigado dos nossos Pobres. E para aqueles que tiverem interesse em colaborar, materialmente conosco, da nossa acção, recomendamos o favor de dirigir os seus donativos expressamente em nome da Conferência de Paço de Sousa.

Visado pela
Comissão de Censura

Júlio Mendes

Jorge

Cantinho dos Rapazes

Impressionou-me bem aquele desabafo dum de vós ao irmão amigo que estava ausente: — Olha, os mais velhos querem acabar com o Terço. Quanto mais liberdade têm, mais querem. Nunca estão contentes.

As vossas reacções são naturais. A juventude gosta de coisas novas. Pensa até, muitas vezes, que aquilo que cá encontrou tudo é velho. Nem sempre se convence que os princípios são os mesmos. A inquietação é uma prova de juventude, mas muitas das inquietações necessitam de controlo e aqui está o papel dos pais ou educadores e aqui também encontramos o choque com a nossa liberdade.

O Terço é a nossa oração familiar. É, geralmente, a ora-

ção familiar do povo português e Pai Américo quis que fosse também a oração das nossas Comunidades. É o nosso tempo de oração. É uma paragem e um encontro familiar com Deus e com a Mãe do Céu. É uma atitude filial.

Fico sempre tão contente quando os nossos militares, especialmente os que estão no Ultramar, dizem que nunca deixam de rezar o Terço! Há anos regressava de Lisboa com um que acabara de chegar. No caminho falámos em rezar o Terço e ele puxou do seu e disse — este acompanhou-me sempre.

O ano passado, num domingo, na nossa Casa de Malanje, tocou para rezar o Terço, O Sr. Bispo que viera ali passar

o fim da tarde não quis retirar sem rezar connosco. Rezou de pé (e nós sentados) e no fim disse-nos uma palavrinha sobre a devoção ao Terço e o sacrifício que o nosso povo faz para ir rezá-lo às igrejas.

Ainda há poucas semanas, numa reunião de muitas centenas de homens e senhoras, ouvi falar um dos nossos Bispos sobre a devoção a Nossa Senhora. Pegou nos textos do Concílio Vaticano II, onde se fala no papel de Nossa Senhora na vida da Igreja. Perguntou

Cont. na QUARTA página

Aqui Lisboa

Cont. da PRIMEIRA página

velhos e doentes abandonados a pedir socorro; que milhares de crianças se definham em todos os aspectos à minguia do essencial. Sem dúvida que se compreende que esta quadra seja vivida de modo especial, mas não podemos esquecer que o ano comporta 365 dias e, no Julgamento Final, seremos julgados pelo tratamento que tivermos dado a Cristo, nas

NATAL

Cont. da PRIMEIRA página

nida em torno de Jesus-Menino. Que outra aspiração posso eu alimentar por todos? Que outro voto posso formular para todos? — senão a de que todos engrossemos o «pequeno resto» dos que se dispõem a receber a Paz, dos sobre quem repousa a Paz, dos Pacíficos, bem-aventurados porque já são na verdade filhos de Deus!

personas dos nossos Irmãos, ao longo da nossa vida toda.

Temos aqui dito e redito que estamos fartos de palavras, inoperantes na sua maior parte. Importa dar-lhes vida. Por muito a propósito vale a pena transcrever da «Carta Apostólica» do Cardeal Roy: «Seria bom que cada um procurasse examinar-se, para ver o que é que já fez até agora e aquilo que deveria fazer. Não basta recordar os princípios, afirmar as intenções, fazer notar as injustiças gritantes e proferir denúncias proféticas; estas palavras ficarão sem efeito real, se elas não forem acompanhadas, para cada um em particular, de uma tomada de consciência mais viva da sua própria responsabilidade e de uma acção efectiva». Isto para todos nós, a começar pelos Homens da Igreja e tanto mais quanto mais alto se situam. Doutrina temo-la e da boa; é preciso, porém, pô-la em prática. Só assim acreditaremos autenticamente no NATAL.

x x x

P. S. — A Comunidade de Lisboa a todos vós formula os melhores votos de Santas Festas.

Padre Luiz



Setúbal

A fotografia que hoje damos à estampa é do José Maria mais da Olga, há quatro anos no dia do seu casamento.

O José Maria tem vindo várias vezes até nós. No espaço de pouco tempo esteve connosco duas vezes. A última foi durante todo o fim de semana. Trouxe o Paulinho. O seu filho. Uma criança com três anos

que é a cópia do pai quando era pequenino. Não sei porquê; mas regalo-me com os filhos dos meus. E sinto que os Rapazes saboreiam o meu regalo. Será porque a vida é assim? Não sei. É o que sinto.

O José Maria nunca me tinha dito, mas eu da última vez que estive com ele e a mulher, advinhei: Ele não ganha o suficiente para ter a sua casa. Uma casa digna, como ele deseja. Um ninho de paz e intimidade, onde possa construir uma família como é seu ideal.

Vive e trabalha em Lisboa. Ganha 2.400\$ mensais. A esposa sessenta diários. Como pode ele pagar uma renda de 1.800\$, dois mil ou mais por um andarinho pequeno? Como? E que come? E como se veste? E a quem deixa o filho para ir trabalhar? E como se desloca? E como paga os remédios e o médico, quando adocece? E ele adocece, de vez em quando, com paludismo crónico que trouxe da guerra, da Guiné. O José Maria veio para nossa Casa pequenino. Foi Pai Américo quem o arrancou da Bainharia, do Porto. Depois, por conveniência, veio para Setúbal. Eu recebi-o ainda criança! Foi sempre um Rapaz alegre, disponível, empreendedor e generoso. Quem o conheceu na venda do «Famoso» pode dar testemunho!

Eu sonhava para o José Maria uma vida mais feliz! Mais desafogada! Hoje trago na minha carne e no meu coração a dor do José Maria. Ele tem direito a viver, com dignidade e não pode!...

Contou-me que o seu bairro — um grande bairro nas periferias da grande urbe — a maior parte dos andares comporta duas e três famílias. Uma cozinha comum. Uma sala de jantar comum. Uma casa de



O José Maria, mais a Olga, no dia do seu casamento.

banho comum. E a cada família um quarto!... É pior do que viver numa barraca!

E a gente passa na rua! E vê os prédios! E é tudo fachada!... Por dentro: ilhas.

Assim não se podem construir famílias. É impossível educar filhos e dar ideal a gente moça. A promiscuidade destrói os grandes valores do homem. Assim não.

O valor humano é o maior valor de uma nação! Nele se abisma o Criador, oferecendo-lhe o universo! Por ele dá o Seu Filho — Jesus!

É Natal! Nas ruas há luz, decorações e folguedos! Dentro de mim há a tristeza personalizante do José Maria e de todos os que, como ele, desejariam viver com dignidade e não podem.

Padre Acílio

Cantinho dos Rapazes

Cont. da TERCEIRA página

em nome de que princípio ou com que autoridade é que alguns procuram não falar na devoção a Nossa Senhora e querem abolir a reza do Terço. O Terço é a Bíblia para o nosso povo. Se lhe tirarmos o Terço o que lhe deixamos para sua oração?

Também nas nossas Comunidades que outra oração temos ao alcance de todos? Se não rezarmos o Terço que tempo de oração familiar seremos capazes de fazer? E nós que temos tanta necessidade que a Mãe do Céu nos dê boas mães na terra!

Se puderdes, lede o que a vidente de Fátima — Irmã Lúcia — escreveu na «Voz de Fátima», de Outubro, sobre a oração do Terço. Recebei este cantinho como prenda espiritual de Natal.

Padre Horácio

MALANJE

Seria bom não haver tanta desigualdade! Mais compreensão entre todos! Mais justa distribuição dos bens deste mundo!

O Menino quando cresceu disse que sim, até que o superfluo pertence aos menos favorecidos.

Mas o coração humano deixa-se dominar pelo que é deste mundo, como se este fosse a nossa pátria e lugar definitivo. E aí temos a procura afanosa dos bens! Ter sempre mais, largar rédeas à ambição. Mais um prédio, mais uma quinta, mais uma fábrica!

Segurar bem o futuro... Como se o futuro fosse nossa pertença.

Com mais uns escudos se pisam as flores e se esmagam tantos inocentes.

Não quero dizer que cruzemos os braços e esperemos a eternidade. Não.

Ponhamos, sim, a render ao máximo todos os bens deste mundo. Adaptemo-nos às novas técnicas de produção. Exploreemos todas as fontes de riquezas e bem estar; Deus quere.

Só não quere a canalização dirígida dos lucros. Urgente uma rede distribuidora... para que os bens e o bem estar cheguem também, e nas devidas proporções (conformes à justiça) ao inválido, ao que transporta os fardos e os sacos, ao que escreve à máquina, ao que mete a lenha nas caldeiras e, também, ao que, em sanzalas distantes, faz as suas mibanças (no caso de as fazer).

O Menino trouxe o amor! Não fechemos nosso coração.

Padre Telmo



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE



Quando estas notas saírem à rua é Natal. Ou já foi. Em muitos lares é um dia como qualquer. Noutros, há festa para regalo dos sentidos, na satisfação do animal no homem e nada mais. Também há lares onde tudo falta. E o Natal cristão é o encontro de Deus com os homens por Ele amados. Não é uma recordação desse encontro histórico de há cerca de dois mil anos. É o encontro que se repete cada ano. Mas os caminhos de Deus são os caminhos dos homens. Jamais nos encontraremos com Deus se não O descobrimos em cada homem.

Como poderá ser Natal no teu lar, se ao teu lado não é, porque não ajudaste? Como poderás ter um Natal feliz se nada fizeste para que em outros lares também o fosse? E podias. Mas não quiseste. Não te lembraste, porque ainda não viveste o Natal cristão. Queres ver teus filhos felizes. Talvez gastes tanto dinheiro em lembranças para eles, e deixas de lembrar a teus filhos

uma pequena renúncia para levar um pouco de alegria a outros (quem sabe?) que vivem bem perto de ti, e nada têm que lhes lembre a Festa do Natal? E são tantos! Talvez os gastos que vais fazer no «reveillon» da passagem de ano te proibam de fazer um Natal feliz em muitos lares! Contribuis, deste modo, para o estado de injustiça do mundo em que vives e que provoca gritos de «vingança» que hão-de roubar-te um sossego criminoso.

X X X

Recebemos, há pouco, duas preciosas prendas de Natal. Uma delas veio pelas mãos de uma zelosa assistente social. A mãe morreu. O pai, modesto trabalhador, viu-se de repente impossibilitado de trabalhar por doença muito grave. E o Carlos, assim se chama a prenda que nos deram, sem mãe e sem pai, veio tornar o nosso Natal mais feliz. E a outra é da mesma natureza.

Padre Manuel António

Vamos dar conta do que se tem passado à volta das últimas notícias que os leitores apreciaram com muita generosidade. Está em andamento a construção duma casa para a viúva e filhinhos que vive perto de Lamego. Conseguido o terreno, abriram-se os alicerces e comprou-se o tijolo e o cimento. A Companhia ITEL, que está a trabalhar na barragem de Bagaúste (Régua), ofereceu a areia que agora é artigo caro. Só o transporte da areia fica por alto preço, visto ser preciso ir buscá-la a Entre os Rios.

Estamos todos empenhados para que aquela família não mais recorde o lugar onde vivia, à mistura com as silvas e as ervas pendentes das paredes, à semelhança de drenos, que desta vez não purificavam nem aliviavam, mas tornavam o ambiente mais detestável pela humidade de que eram condutores. Estamos esperançados que no próximo ano a construção esteja completa. Todos dizem que o mais difícil são os acabamentos; mas acreditamos na corrente generosa dos cooperadores.

O outro caso da família que perdeu o chefe quando ia apaziguar uma contenda, está ainda longe de solução satisfatória. A dívida que ficou, transformou-se em prestações de 3 contos, 7 contos, 13 e 5 contos. A próxima entrega, é de 3 contos e está marcada para a primeira quinzena de Fevereiro. Conseguiu-se que perdoassem os juros no primeiro ano. O

Senhor dá estas provações que martirizam e fazem derramar muitas lágrimas. Temos, todavia, de concordar que são redentoras e despertam generosidade no coração dos homens. Aquele encargo foi motivado pela construção da casa e alguém lembrou que se vendesse para satisfazer aos credores e que se arranjasse outra arrendada. Parecia mais fácil conseguir 100 ou 200 escudos mensais do que os 30 contos e respectivos juros. A resposta da viúva foi uma chuva de lágrimas silenciosas e soluços incontinentes. Quando pôde falar, disse unicamente isto: **Tenho pena da casa onde meu marido levou tanto trabalhinho.** Via ali pedaços do coração e por assim dizer toda uma vida daquela que não chegara a saborear o fruto das suas preocupações. O problema não é fácil de resolver. Se por um lado há necessidade de satisfazer uma dívida, por outro sabemos que é forte a razão apresentada pela pobre viúva. Esta, ao contemplar aquelas paredes, vê muita dedicação e vê-se como que envolvida, ainda, no amor do marido, o que certamente é alívio para a sua dor.

Do Lar de S. Domingos, sômente dizemos que se iniciou a tómbola para ver se é possível, durante as Festas do Natal, recolher donativos para saldar as contas da mercearia. A todos endereçamos saudações de Boas Festas.

Padre Duarte